

MÓDULO 2

PARÁBOLAS DA GRAÇA, MISERICÓRDIA E PERDÃO

*Dez parábolas em que Jesus revela o coração do Pai
para o filho que volta, para a ovelha que se perde,
e para o estrangeiro caído na estrada*

“Misericórdia quero, e não sacrifício.”

Mateus 9:13



AS BODAS DO FILHO DO REI

Mateus 22:1-14

- ¹ Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo:
- ² O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho.
- ³ E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; e estes não quiseram vir.
- ⁴ Depois enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas.
- ⁵ Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio;
- ⁶ E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram.
- ⁷ E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se; e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.
- ⁸ Então diz aos servos: As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos.
- ⁹ Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes.
- ¹⁰ E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e as bodas encheram-se de convidados.
- ¹¹ E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial,
- ¹² E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu.
- ¹³ Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.
- ¹⁴ Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

Almeida Corrigida Fiel



— As Parábolas de Jesus —

O BOM SAMARITANO

contexto • quem é meu próximo?

Um intérprete da Lei se levantou para testar Jesus.
Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

Jesus devolveu a pergunta. O que está escrito na Lei?
O homem respondeu corretamente: amar a Deus de
todo o coração, e ao próximo como a si mesmo.

Faz isto e viverás — disse Jesus.

Mas o homem, querendo justificar-se, fez a pergunta
seguinte. Aquela que mudaria tudo.
E quem é o meu próximo?

Na discussão rabínica da época, próximo tinha
limites. Era o israelita. No máximo, o gentio
convertido. Não incluía o estrangeiro comum.
Definitivamente não incluía o samaritano.

Os samaritanos eram os herdeiros do Reino
do Norte — meio-judeus, meio-pagãos.
Adoravam em outro monte, o Gerizim, e
tinham um Pentateuco próprio. Para o judeu
observante, samaritano era praticamente
xingamento.

*“Mas ele, querendo justificar-se
a si mesmo, disse a Jesus:
E quem é o meu próximo?”*

Lucas 10:29



O BOM SAMARITANO

a parábola

Um homem descia de Jerusalém para Jericó.

O detalhe geográfico é exato. A estrada caía 1.000 metros em 27 quilômetros, atravessando um deserto de cavernas vermelhas. Era conhecida como Caminho de Sangue. Bandos de assaltantes se escondiam nas grutas.

Caiu nas mãos de salteadores. Despiram-no, espancaram, foram embora deixando-o meio morto.

Por aquela estrada desceu um sacerdote. Viu, passou de longe.

Um levita. Viu, passou de longe.

Os dois tinham razões cerimoniais. Tocar em corpo poderia tornar-se impuro. Mas o texto não justifica — registra.

“Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão.”

Lucas 10:33

O verbo grego para compaixão aqui é *esplagchnízomai* — sentir as entranhas se revirarem. É o mesmo verbo usado para descrever Jesus diante das multidões.

O samaritano fez sete coisas: aproximou-se, atou as feridas, derramou azeite e vinho, pôs no próprio jumento, levou à estalagem, cuidou dele à noite, e pagou ao hospedeiro com promessa de voltar.



O BOM SAMARITANO

a revelação

Jesus terminou a parábola e devolveu a pergunta — mas invertida.

O intérprete perguntara: quem é meu próximo? Jesus pergunta: qual destes três te parece ter sido o próximo do que caiu nas mãos dos salteadores?

A diferença é abissal. A primeira pergunta busca limitar a quem você deve amor. A segunda pede que você seja o amor para qualquer um que cruza sua estrada.

E mais: o herói da história é o samaritano. O inimigo étnico, o herege religioso, o que estava fora do círculo. Jesus poderia ter escolhido qualquer figura. Escolheu justamente aquela que doía no ouvido do intérprete.

Os Pais da Igreja, desde o segundo século, viram outra leitura. O homem caído na estrada é a humanidade ferida pelo pecado. O sacerdote e o levita são a Lei e os rituais — incapazes de salvar. O samaritano é Cristo, o aparentemente improvável, que se aproxima, cura, paga.

“Vai e faze da mesma maneira.”

Lucas 10:37

*A pergunta certa nunca foi
quem é meu próximo.*

É: de quem eu estou disposto a me aproximar?



O FILHO PRÓDIGO

Lucas 15:11-32

- ¹¹ E disse: Um certo homem tinha dois filhos;
- ¹² E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.
- ¹³ E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente.
- ¹⁴ E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.
- ¹⁵ E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos.
- ¹⁶ E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.
- ¹⁷ E, tornando em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!
- ¹⁸ Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;
- ¹⁹ Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.
- ²⁰ E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou.
- ²¹ E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.
- ²² Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e sandálias nos pés;
- ²³ E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos;
- ²⁴ Porque este meu filho estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se.
- ²⁵ E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças.
- ²⁶ E, chamando um dos servos, perguntou-lhe o que era aquilo.
- ²⁷ E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo.
- ²⁸ Mas ele se indignou, e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele.
- ²⁹ Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos;
- ³⁰ Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.
- ³¹ E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas;
- ³² Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se."

Almeida Corrígida Fiel

As Parábolas de Jesus

Todos os direitos reservados a GPS DIGITAL LTDA — CNPJ: 46.987.597/0001-00



O FILHO PRÓDIGO

contexto • a parábola das três figuras

Os publicanos e pecadores se aproximavam para ouvi-lo. Os fariseus e escribas murmuravam: este recebe pecadores e come com eles.

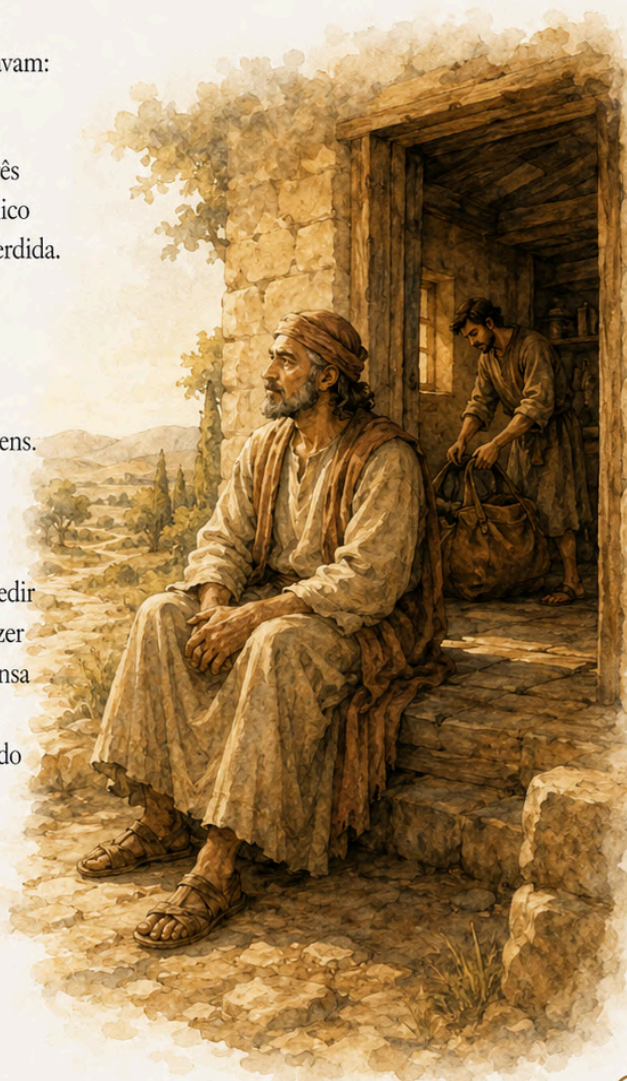
A frase foi o gatilho. Jesus respondeu com três parábolas seguidas, encadeadas como um único argumento. A Ovelha Perdida. A Dracma Perdida. E esta, que é a mais longa e a mais densa: a parábola de dois filhos e um pai.

Costumamos chamá-la de parábola do filho pródigo. O nome é injusto. Há três personagens. Cada um carrega uma face do drama.

E há um detalhe cultural impossível de subestimar. No mundo do primeiro século, pedir a herança em vida ao pai era equivalente a dizer eu desejo que você esteja morto. Era uma ofensa que rompia laços. Em comunidades judaicas, havia até cerimônias formais de luto antecipado para tratar como morto o filho que fazia isso.

*“Um certo homem tinha dois filhos.
E o mais moço deles disse ao pai:
Pai, dá-me a parte da fazenda
que me pertence.”*

Lucas 15:11-12



O FILHO PRÓDIGO

a parábola

O pai dividiu os bens.

O filho mais novo juntou tudo e partiu para uma terra distante. Dissipou a herança em vida desregrada. Quando tudo acabou, sobreveio fome àquela terra.

Para sobreviver, foi trabalhar com porcos — o ofício mais degradante para um judeu, animal impuro pela Lei de Levítico 11. Queria comer das alfarrobas que se davam aos porcos. Ninguém lhe dava.

“E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui pereço de fome!”

Lucas 15:17

Caindo em si. No grego, *eis heautòn elthôn* — literalmente vindo a si mesmo. Como quem desperta de um pesadelo e se reconhece.

Decidiu voltar. Não como filho — esse direito ele já tinha jogado fora. Como jornaleiro. Ensaiou a fala no caminho. *Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus jornaleiros.*

Estando ainda longe, o pai o viu. E aqui o texto se abre numa cena que ninguém esperava ver.



A OVELHA PERDIDA

contexto · uma entre cem

Esta é a primeira das três parábolas que Jesus contou em sequência aos fariseus naquele dia. Vem antes da Dracma e do Filho Pródigo. As três respondem à mesma murmuração: este recebe pecadores e come com eles.

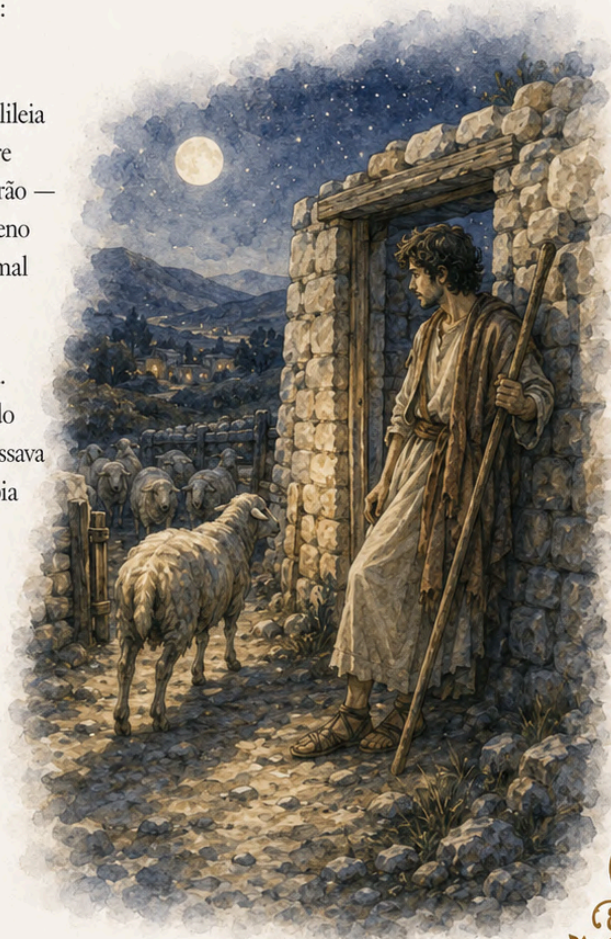
A imagem é a do pastoreio comum na Galileia e na Judeia. Um rebanho médio tinha entre 50 e 200 ovelhas. Cem era um número padrão — suficiente para sustentar uma família, pequeno o bastante para o pastor conhecer cada animal pelo nome.

As ovelhas não eram contadas para a venda. Eram contadas todas as noites, à entrada do aprisco, pela cajada do pastor. Cada uma passava por baixo do bastão. Era assim que se sabia quantas faltavam.

E uma ovelha sozinha, em terreno aberto, não sobrevive. Sem o rebanho, perde o senso de direção. Se deita. Espera. Vira presa fácil de chacais, lobos, leões.

“Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa no deserto as noventa e nove?”

Lucas 15:4



A OVELHA PERDIDA

Lucas 15:3-7 • Mateus 18:12-14

³ E ele lhes propôs esta parábola, dizendo:

⁴ Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la?

⁵ E, achando-a, a põe sobre os seus ombros, cheio de júbilo;

⁶ E, chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.

⁷ Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

Almeida Corrigida Fiel



— As Parábolas de Jesus —

Todos os direitos reservados a GPS DIGITAL LTDA — CNPJ: 46.987.597/0001-00

A OVELHA PERDIDA

a parábola

O pastor descobre que falta uma. Deixa as noventa e nove no aprisco — em segurança, sob cuidado de outro pastor — e parte atrás daquela.

Até a achar.

A frase é central. No grego, *héōs hoù heuré autó* — até que a encontre. Não enquanto for fácil. Não enquanto valer o esforço. Até.

Quando finalmente a acha, não a empurra com a vara. Não a repreende. Não a faz caminhar de volta.

“E, achando-a, a põe sobre os ombros, cheio de júbilo.”

Lucas 15:5

A imagem é exata. Ovelha perdida tem as patas esfoladas, está exausta, paralisada de medo. Um pastor experiente sabe: não pode mandá-la voltar. Tem que carregá-la sobre os ombros.

E chegando em casa, convoca amigos e vizinhos. Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha perdida.

A festa do reencontro envolve a vila inteira. Não é coisa íntima — é celebração pública.



A OVELHA PERDIDA

a revelação

Jesus disse uma frase difícil no fim. Mais alegria há no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.

A matemática parece errada. Não é.

Os ‘noventa e nove justos’ são uma referência irônica aos fariseus — eles se consideravam justos, não precisando de arrependimento. Jesus não está diminuindo a importância deles. Está exibindo, em contraste, a alegria desproporcional do céu sobre quem volta.

Há também uma imagem do Antigo Testamento por trás. Em Ezequiel 34, Deus repreende os pastores de Israel — os líderes religiosos — porque deixaram as ovelhas se dispersarem. E promete, naquele capítulo, eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei.

Jesus está dizendo, em parábola, quem Ele é.

“A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer, e a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei.”

Ezequiel 34:16

*Você não foi encontrado por ter procurado.
Foi encontrado porque alguém saiu te procurar.*



A DRACMA PERDIDA

Lucas 15:8-10

⁸ Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar?

⁹ E, achando-a, convoca as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida.

¹⁰ Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

Almeida Corrigida Fiel



As Parábolas de Jesus

Todos os direitos reservados a GPS DIGITAL LTDA — CNPJ: 46.987.597/0001-00

A DRACMA PERDIDA

contexto • o dote sobre a fronte

A parábola é curta — três versículos. E é a única das três daquele dia em que o personagem central é uma mulher.

A dracma era uma moeda grega de prata, equivalente ao denário romano. Pagamento de um dia de trabalho. Não era pequena quantia.

Mas o que estava em jogo provavelmente era mais do que uma moeda. As mulheres casadas naquela cultura usavam, presa à fronte ou costurada à toca da cabeça, uma fileira de dez moedas de prata. Era o sinal do casamento. Era o dote. Era a herança pessoal dela — equivalente moderno à aliança, mas com peso financeiro real.

Perder uma das dez moedas não era só uma perda material. Era um sinal público de descuido, de falência da identidade conjugal, em alguns casos até motivo de questionamento. Era visível na cabeça da mulher que uma das dez estava faltando.

“Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até achá-la?”

Lucas 15:8



A DRACMA PERDIDA

a parábola

A mulher faz três coisas, na ordem certa.

Acende a candeia. As casas palestinas do primeiro século eram pequenas, com apenas uma ou duas janelas estreitas. Mesmo de dia, eram quase escuras. Sem luz, era inútil procurar.

Varre a casa. O chão era de terra batida ou de pedra rústica. Uma moeda de prata, do tamanho de uma unha, podia se esconder facilmente entre as frestas, na palha, no entulho do canto. A vassoura ajudava a moeda a tilintar quando atingida — era assim que se ouvia antes de ver.

E busca com diligência até achar. A mesma frase da ovelha perdida.

“E, achando-a, convoca as amigas e as vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida.”

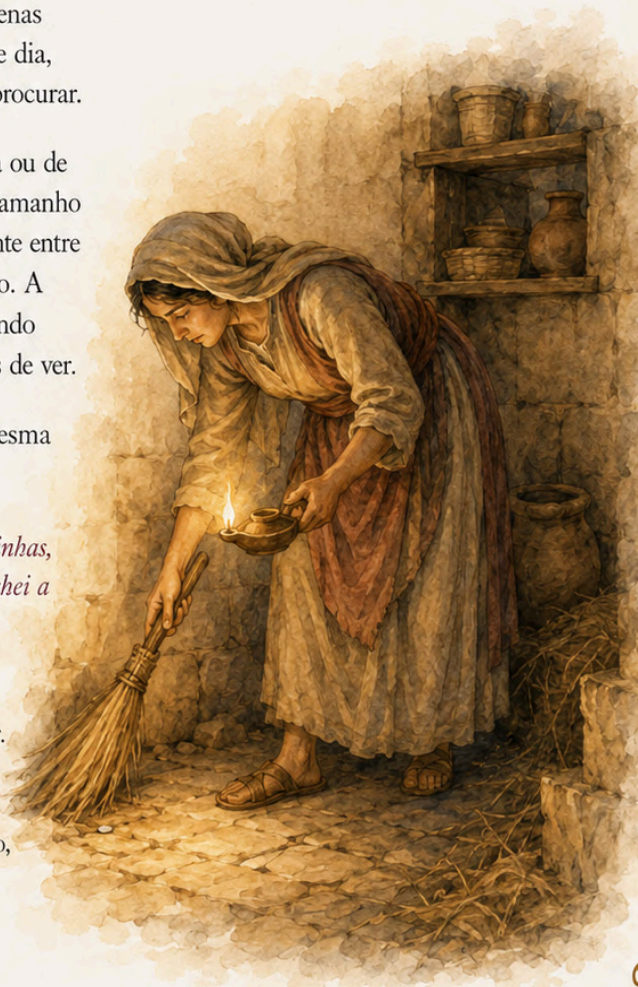
Lucas 15:9

Repare na simetria com a parábola anterior.

Pastor — homem, ofício rural, ovelha.

Mulher — doméstica, casa, moeda. Os dois personagens, opostos no gênero e no cenário, agem da mesma forma. Buscam até achar.

E celebram em público.



A DRACMA PERDIDA

a revelação

Há um detalhe que muda tudo na leitura desta parábola.

A ovelha perdeu-se por iniciativa própria — afastou-se do rebanho. O filho pródigo perdeu-se por escolha consciente — partiu para a terra distante. A dracma, não. A dracma rolou.

Ela está dentro da própria casa. Caiu de um lugar onde deveria estar. Não fugiu, não decidiu, não pecou no sentido ativo. Apenas se perdeu sem saber.

Há almas assim. Não rebeldes. Não fugitivas. Apenas deslocadas. Caídas em um canto da própria vida que deveria ser segura.

E Jesus diz: o céu se alegra exatamente do mesmo jeito quando essas voltam.

A trilogia da Ovelha, da Dracma e do Filho Pródigo cobre três tipos de perda. Quem se afasta sem perceber. Quem cai sem culpa. Quem se rebela e parte. Para todos, há quem deixe o aprisco, varra a casa, ou corra para a estrada.

“Assim vos digo que há alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende.”

Lucas 15:10

*Algumas almas fogem.
Outras apenas rolam.
A busca por ambas é igual.*



O SERVO IMPLACÁVEL

Mateus 18:23-35

23 Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos;

24 E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos;

25 E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se pagasse.

26 Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.

27 Então o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o, e perdoou-lhe a dívida.

28 Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves.

29 Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei.

30 Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida.

31 Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara.

32 Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste.

33 Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?

34 E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia.

35 Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas.

Almeida Corrígida Fiel



O SERVO IMPLACÁVEL

contexto • setenta vezes sete

Pedro se aproximou de Jesus com uma pergunta prática. Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete?

Sete já era generosa. A tradição rabínica da época estabelecia três como o limite do perdão. Pedro estava dobrando, mais um. Achava que estava sendo magnânimo.

Jesus respondeu sem suavizar. Não te digo até sete; mas até setenta vezes sete.

A expressão é uma alusão direta a Gênesis 4. Lameque, descendente de Caim, se vangloriou: se Caim é vingado sete vezes, eu serei setenta vezes sete. Era o cântico da vingança ilimitada.

Jesus inverteu. Onde havia vingança ilimitada, agora há perdão ilimitado. A medida não mudou — o sinal sim.

E para ilustrar, contou esta parábola.

“Por isso, o reino dos céus pode comparar-se a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.”

Mateus 18:23



O SERVO IMPLACÁVEL

a parábola

O rei chamou o primeiro servo. A dívida era de dez mil talentos.

O valor é deliberadamente absurdo. Um talento equivalia a aproximadamente vinte anos de trabalho de um jornaleiro. Dez mil talentos representavam mais riqueza do que toda a arrecadação fiscal anual da Galileia. Era impagável por princípio.

O servo se prostrou. Senhor, sê paciente comigo, e tudo te pagarei. A promessa era impossível. O rei, movido de íntima compaixão, perdoou tudo. Não parcelou. Cancelou.

Saindo dali, o mesmo servo encontrou um companheiro que lhe devia cem denários — cerca de cem dias de trabalho. Quantia real, mas absolutamente pequena diante do que ele acabara de receber de graça.

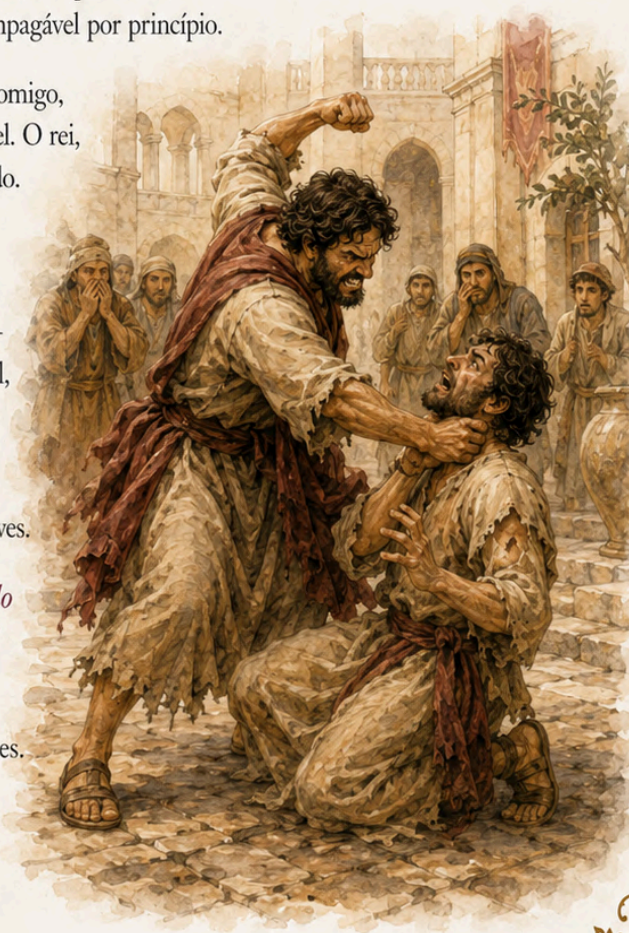
Pegou-o pelo pescoço. Paga-me o que me deves.

“Mas ele não quis; antes, foi encerrá-lo no cárcere, até que pagasse a dívida.”

Mateus 18:30

Outros servos viram e ficaram muito tristes. Foram contar ao rei.

E o rei o chamou de volta.



O SERVO IMPLACÁVEL

a revelação

Os dois números da parábola não são aleatórios. São deliberadamente desproporcionais.

Dez mil talentos exigiriam algo como duzentos mil anos de trabalho de um homem para serem quitados. Cem denários, cem dias. A relação entre as duas dívidas é de mais de seiscentos mil para um.

Jesus está construindo uma matemática impossível para que a impossibilidade fale.

A dívida que cada um carrega diante de Deus — pecado, falta, ofensa contra a santidade — é da ordem dos dez mil talentos. Impagável por princípio. O que outros nos devem, no máximo, é dos cem denários.

E o ponto é simples. Quem foi soltado de uma dívida impagável não pode segurar outro pelo pescoço por uma dívida pagável.

“Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas.”

Mateus 18:35

Não é que Deus desperdoe quem não perdoa. É que quem não perdoa demonstra, no próprio gesto, que não compreendeu o perdão que recebeu. A graça que entra transforma. Quando não transforma, é sinal de que talvez não tenha entrado de verdade.

Quem mede a dívida do outro com régua de gigante esqueceu o tamanho da própria.



Os Dois Devedores

a parábola

Lucas 7:40-43

⁴⁰ E, respondendo Jesus, disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. E ele disse: Dize-a, Mestre.

⁴¹ Um certo credor tinha dois devedores; um devia-lhe quinhentos dinheiros, e o outro cinquenta.

⁴² E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois, qual deles o amará mais?

⁴³ E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem.

Almeida Corrigida Fiel



Os Dois Devedores

contexto · o jantar na casa do fariseu

Simão, um fariseu, convidou Jesus para jantar. Convite formal, em casa de respeito, com testemunhas reclinadas à mesa em volta.

Naquela cultura, um anfitrião cumprimentava o convidado com três gestos: o beijo na face, a água para lavar os pés empoeirados do caminho, e o azeite perfumado sobre a cabeça. Era o mínimo da etiqueta. Recusar isso era declaração silenciosa de desprezo.

Simão não fez nenhuma das três coisas.

Enquanto Jesus comia, uma mulher entrou. O texto a descreve apenas como "pecadora" — eufemismo provável para prostituta. Trazia um vaso de alabastro com perfume caro.

Ajoelhou-se aos pés de Jesus. Chorou tanto que as lágrimas molharam os pés dele. Enxugou-os com os próprios cabelos — gesto íntimo, escandaloso em público. Soltar o cabelo diante de homens, naquela cultura, era reservado para o marido. Beijou os pés. Ungiu com o perfume.

Simão, em silêncio, julgou: se este fosse profeta, saberia que tipo de mulher o está tocando.

“Vendo isto o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou.”

Lucas 7:39



Os Dois Devedores

a parábola explicada

Jesus lê o pensamento de Simão e devolve uma história.

Um credor tem dois devedores. Um deve 500 denários — cerca de um ano e meio de salário. Outro deve 50 — pouco mais de um mês. Os dois são insolventes. A diferença de valor não muda a situação central: nenhum dos dois pode pagar.

O credor cancela as duas dívidas.

E Jesus pergunta: qual dos dois o amará mais?

Simão responde sem desconfiar. Aquele a quem mais perdoou.

Aí Jesus se volta para a mulher. E faz uma comparação que cortou o silêncio da sala.

Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; ela, porém, regou os meus pés com lágrimas, e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, desde que entrei, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo; mas esta ungiu-me os pés com unguento.

“Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa pouco ama.”

Lucas 7:47

Simão é o devedor pequeno — mas é igualmente devedor. Ele só não percebia. A mulher, devedora grande, percebia tudo.



Os DOIS DEVEDORES

a revelação

A parábola tem uma lógica que costuma ser invertida na pregação rasa.

A frase de Jesus muito amou, porque muito lhe foi perdoado — não significa que o amor da mulher causou o perdão. Significa que ele revelou o perdão.

O perdão é a fonte. O amor é o que escorre. Não o contrário.

E aqui está o ponto que Simão não viu. O problema dele não é que tenha pouca dívida. É que se vê com pouca dívida.

Quando você se enxerga com pequena dívida diante de Deus, ama Deus pequeno. Quando você se enxerga com a dívida real — impagável, total, herdada e somada — ama de outro modo.

A profundidade do seu amor por Cristo é medida pelo tamanho da dívida que você reconhece ter sido perdoada.

“E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.”

Lucas 7:50

*Não é quem ama muito que é perdoado.
É quem é perdoado muito que ama muito.*



O FARISEU E O PUBLICANO

a parábola

Lucas 18:9-14

⁹ E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros:

¹⁰ Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano.

¹¹ O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano.

¹² Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.

¹³ O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!

¹⁴ Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.

Almeida Corrigida Fiel



O FARISEU E O PUBLICANO

contexto • subir ao templo

Lucas é direto sobre a quem Jesus dirigiu esta parábola. A uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros.

Era uma flecha mirada.

Os fariseus formavam um movimento religioso surgido após o exílio babilônico. Cerca de seis mil deles existiam na época de Jesus, segundo Flávio Josefo. Especialistas em aplicar a Torá à vida cotidiana, com mais de seiscentas regras adicionais. Pelos padrões da época, eram os homens mais piedosos da nação.

Os publicanos eram o oposto cultural. Coletores de impostos a serviço de Roma. Compravam o direito de cobrar em uma região e ficavam com o excedente sobre a meta. Eram considerados traidores. Em muitas sinagogas, nem podiam entrar.

Os dois sobem ao Templo. Subir é literal — o Templo ficava no monte Moriá. Da cidade baixa, eram quinze degraus até os primeiros pátios. Depois mais escadarias até o Pátio dos Israelitas, onde homens livres podiam orar.

Os dois sobem juntos, fisicamente. Espiritualmente, sobem em direções opostas.

“Tenho prazer na misericórdia, e não nos sacrifícios; e no conhecimento de Deus, mais do que nos holocaustos.”

Oseias 6:6



O FARISEU E O PUBLICANO

a parábola explicada

O fariseu orava consigo. No grego, *pros heautón* — pode significar ‘consigo mesmo’ ou ‘para si mesmo’. A ambiguidade não é acidente. A oração não passa do teto.

Ele agradece. Mas a lista é peculiar. Não agradece pelo que recebeu. Agradece pelo que ele é — e principalmente pelo que ele não é. Não sou como os demais homens. Não sou como este publicano.

Jejuava duas vezes por semana — a Lei pedia jejum apenas no Yom Kippur. Dava dízimo de tudo quanto possuía — incluindo o que a Lei isentava. Pelos padrões objetivos, era exemplar.

O publicano estava em pé, mas de longe. Não se aproximou do altar. Não levantou os olhos. Batia no peito — gesto reservado a luto profundo, expressão corporal de dor que não cabe em palavras.

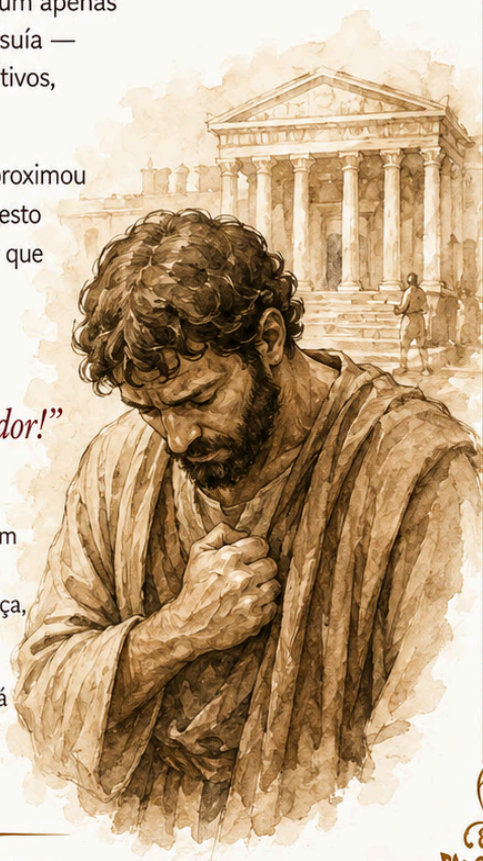
E a oração dele cabe em sete palavras no grego.

“Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”

Lucas 18:13

A palavra que ele usa para ‘misericórdia’ não é a comum (*eleos*). É *hilastheti*. Da mesma raiz de *hilastērion* — o propiciatório, a tampa de ouro sobre a Arca da Aliança, onde o sangue era aspergido no Dia da Expição.

O publicano não está pedindo tenha pena de mim. Está pedindo seja propício a mim, expie por mim. Ele está pedindo o sangue.



O FARISEU E O PUBLICANO

a revelação

Jesus dá o veredicto e quem ouvia teve um susto.

O publicano desceu justificado. O fariseu, não.

A palavra justificado — em grego *dedikaiōménos* — é jurídica. Significa declarado justo perante o tribunal. O publicano, considerado o mais distante de Deus, é declarado justo. O fariseu, considerado o mais próximo, sai como entrou. Ou pior.

A diferença não está em boas obras versus más obras. O fariseu tinha obras impressionantes. O publicano provavelmente não tinha nenhuma para apresentar.

A diferença está na postura diante de Deus.

Um confia no que é. O outro implora pelo que Deus pode fazer.

Um sobe pelos próprios méritos. O outro pede para ser carregado pela propiciação.

A justificação não é prêmio pelo esforço — é dom para quem reconhece que não tem o que oferecer. E essa é a porta estreita.

*“Sendo justificados gratuitamente pela sua graça,
pela redenção que há em Cristo Jesus.”*

Romanos 3:24

*Deus não pesa orações.
Pesa corações.”*



OS DOIS FILHOS

Mateus 21:28-32

28 Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.

29 Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi.

30 E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi.

31 Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus.

32 Porque João veio a vós no caminho de justiça, e não lhe destes crédito, mas os publicanos e as meretrizes lhe deram crédito; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para lhe dar crédito.

Almeida Corrigida Fiel



OS DOIS FILHOS

contexto • a vinha do Pai

Esta é a primeira das três parábolas que Jesus contou na semana da Páscoa, no pátio do Templo, diante dos principais sacerdotes e anciãos do povo.

Eles tinham acabado de perguntar com que autoridade ele fazia aquelas coisas. Jesus devolveu com uma pergunta sobre João Batista. Eles se recusaram a responder. Foi nesse momento de tensão pública que veio a parábola.

E a vinha não era uma escolha aleatória. No Antigo Testamento, vinha é Israel. Isaías 5 abre o famoso cântico da vinha. Salmo 80 chora pela vinha plantada do Egito. Toda criança do Templo sabia o significado.

Quando Jesus diz *vai trabalhar hoje na minha vinha*, ele está falando do chamado de Deus a cada filho de Israel — incluindo, e principalmente, os religiosos que o cercavam ali.

“Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel.”

Isaías 5:7





OS DOIS FILHOS

— a parábola —

A história é tão curta que cabe em quatro frases. E é por isso que ela é tão afiada.

O pai pede ao primeiro filho. Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.

A resposta é direta, sem rodeios. Não quero. No grego, ou *thélō*. É grosseiro. É a recusa formal de um filho dizendo não vou.

Mas depois — e a palavra grega é *metameletheis*, ‘tomado de remorso’ — ele se arrependeu. E foi.

O pai vai ao segundo filho. Mesmo pedido.

A resposta é o oposto. Eu vou, senhor. No grego, *egō kýrie* — ‘eu sim, senhor’. A polidez é ostensiva. O respeito é exibido. Mas não foi.

“Qual dos dois fez a vontade do pai?”

Mateus 21:31

A pergunta de Jesus é uma armadilha aberta. Os sacerdotes respondem o óbvio: o primeiro. Acabaram de se condenar.





OS DOIS FILHOS

a revelação

A aplicação de Jesus é uma sentença que ficou gravada na história.

Os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus.

Não é provocação retórica. É declaração jurídica do Reino.

O primeiro filho — o que disse não mas foi — são os publicanos e as prostitutas. Pessoas que disseram não a Deus com a vida inteira, mas que diante do batismo de João se arrependeram e foram.

O segundo filho — o que disse sim mas não foi — são os sacerdotes ali presentes. Filhos da aliança. Que sabiam dizer ‘Senhor’. Que sabiam vestir o sim. Mas que não tinham obedecido.

A obediência do Reino não é medida pelo sim da boca. É medida pelo foi dos pés.

E aqui aparece uma palavra que define toda a parábola: metameletheis. Arrependimento como mudança de direção, não como sentimento passageiro.

“Vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes.”

Mateus 21:32

*O Pai não está contando os ‘sim’.
Está contando os passos.*



A GRANDE CEIA

Lucas 14:16-24

¹⁶ Mas ele lhe disse: Um certo homem fez uma grande ceia, e convidou a muitos.

¹⁷ E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado.

¹⁸ E todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo e importa ir vê-lo; rogo-te que me hajas por escusado.

¹⁹ E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te que me hajas por escusado.

²⁰ E outro disse: Casei, e portanto não posso ir.

²¹ E, voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu senhor. Então o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos.

²² E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar.

²³ E disse o senhor ao servo: Sai pelos caminhos e atalhos, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.

²⁴ Porque eu vos digo que nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia.”

Almeida Corrigida Fiel



A GRANDE CEIA

contexto • o jantar na casa do fariseu

Jesus estava à mesa na casa de um dos principais fariseus, num sábado. Tinha acabado de curar um homem com hidropisia e de dizer coisas duras sobre escolher os primeiros lugares nos banquetes.

Foi então que um dos convidados, querendo elevar o tom, soltou a frase: bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus.

Aquela frase tocava um ponto sagrado. A tradição rabínica falava do banquete messiânico — uma grande festa no fim dos tempos, presidida pelo próprio Messias, com os patriarcas reclinados à mesa, todos os justos de Israel ao redor. Era a esperança escatológica do povo.

O convidado estava se incluindo automaticamente nessa festa. Como fariseu, achava sua presença garantida.

E foi para responder a essa presunção que Jesus contou a parábola.

*“Bem-aventurado
aquele que comer pão
no reino de Deus.”*

Lucas 14:15



A GRANDE CEIA

a parábola

O detalhe que muda tudo está logo no começo. Convidou a muitos.

Naquela cultura, convites eram enviados com antecedência. Os convidados confirmavam presença. O anfitrião comprava os animais, preparava o banquete, calculava porções. Só depois, no dia, o servo era enviado para dizer: está pronto, podem vir agora.

Recusar nesse segundo aviso era declarar inimizade. Era ofensa pública. Era humilhação pessoal ao anfitrião.

Os três que recusam dão desculpas que soam práticas, mas são falsas. Quem compra campo sem ver. Quem compra cinco juntas de bois sem experimentar. Quem aceita convite real e depois alega casamento. As três desculpas têm uma coisa em comum: dão prioridade a posses, a negócios, a vida pessoal.

A reação do dono é imediata. Sai depressa pelas ruas e bairros. E depois: sai pelos caminhos e atalhos.

Primeiro os pobres da própria cidade. Depois os de fora dos muros. A festa vai acontecer. A pergunta é apenas quem estará nela.

“E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar.”

Lucas 14:22

Ainda há lugar. A frase ecoa.



A GRANDE CEIA

a revelação

Há três camadas nesta parábola que vale pôr à luz.

A primeira é histórica. Os primeiros convidados são Israel — chamado pelos profetas durante séculos. Os pobres da cidade são os marginalizados do próprio Israel: publicanos, pecadores, doentes, mulheres. Os dos caminhos e atalhos são os gentios, fora do povo da aliança.

A segunda é pessoal. As três desculpas são as armadilhas eternas que mantêm pessoas longe da mesa de Deus: posses (o campo), trabalho (os bois), relacionamentos (o casamento). Nada disso é mal em si. Tudo isso pode tomar o lugar do que importa.

A terceira é a mais incômoda. A sentença final é exata. Nenhum daqueles varões que foram convidados provará a minha ceia. O convite não é eterno. O servo é enviado uma vez. Se a recusa for sustentada, o lugar é preenchido por outro.

*“Eis aqui estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz,
e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.”*

Apocalipse 3:20

*O banquete acontece com ou sem você.
A pergunta é apenas se a sua cadeira ficará vazia.*



O BOM PASTOR

João 10:1-16

¹ Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador.

² Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas.

³ A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora.

⁴ E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz.

⁵ Mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

⁶ Jesus disse-lhes esta parábola; mas eles não entenderam o que era que lhes dizia.

⁷ Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas.

⁹ Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens.

¹⁰ O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.

¹¹ Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas.

¹² Mas o mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas próprias, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebatou e dispersa.

¹⁴ Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido.

¹⁵ Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas.

¹⁶ Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.

Almeida Corrigida Fiel



O BOM PASTOR

contexto · depois do cego de nascença

Esta parábola não foi contada no campo. Foi contada em Jerusalém, no Templo, logo depois de um episódio que abalou a cidade.

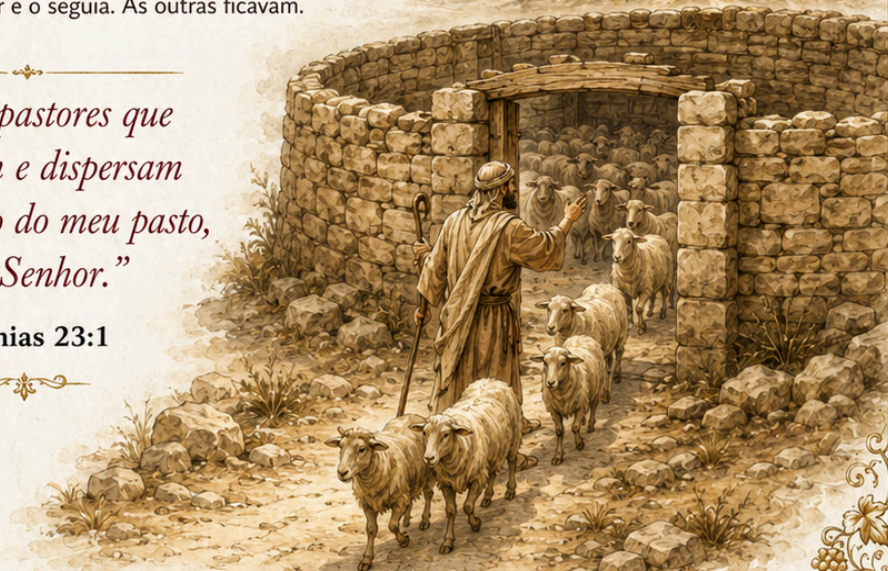
Jesus havia curado um homem cego de nascença. Os fariseus interrogaram o homem, depois os pais, depois o próprio homem de novo. No fim, expulsaram-no da sinagoga — uma das punições mais graves da época, equivalente à exclusão da comunidade religiosa e civil.

Jesus encontrou o homem expulso. E foi naquele momento, voltando-se para os fariseus que tinham feito a expulsão, que ele começou a falar do pastor, da porta, do mercenário e do lobo.

O contexto cultural ajuda. Em Jerusalém e arredores, os apriscos comunitários eram cercados de pedra, com uma única entrada estreita. À noite, vários rebanhos se misturavam dentro do mesmo cercado. Pela manhã, cada pastor chegava na porta e chamava as suas ovelhas pelo nome. Cada animal reconhecia a voz do seu próprio pastor e o seguia. As outras ficavam.

*“Ai dos pastores que
destroem e dispersam
o rebanho do meu pasto,
diz o Senhor.”*

Jeremias 23:1



O BOM PASTOR

a parábola

Há quatro figuras na alegoria, e cada uma carrega um peso.

O pastor — *poimēn* em grego. Entra pela porta. Chama as ovelhas pelo nome. Vai adiante delas. Dá a vida por elas.

A porta — *thyra*. Caminho legítimo de entrada. Jesus se identifica como a porta antes de se identificar como o pastor. Eu sou a porta, ele diz. Quem entra por ele, salvar-se-á.

O ladrão — *kléptēs*. Não entra pela porta. Sobe pela parede. Vem para roubar, matar, destruir. Os ouvintes entendiam exatamente sobre quem Jesus falava: os falsos messias, os falsos pastores, os líderes que se aproveitavam do rebanho em vez de cuidar dele.

O mercenário — *misthōtós*. Cuida das ovelhas só enquanto há salário. Quando aparece o lobo, foge. Não é dele. Não morre por elas.

*“Eu sou o bom Pastor;
o bom Pastor dá a sua
vida pelas ovelhas.”*

João 10:11

A palavra usada para bom aqui não é a comum *agathós* — moralmente correto. Jesus usa *kalós* — belo, nobre, ideal. O pastor que é o protótipo. O modelo definitivo do que pastor é.



O BOM PASTOR

a revelação

Esta é a quarta das sete declarações Eu Sou que Jesus pronuncia no Evangelho de João. E é a que mais ecoa o Antigo Testamento.

Salmo 23. O Senhor é o meu pastor. Ezequiel 34. Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, e eu as farei repousar, diz o Senhor Deus. Quando Jesus diz eu sou o bom Pastor, ele está se posicionando exatamente no lugar que o Antigo Testamento reservara para Deus mesmo.

Não passou despercebido. Foi por causa dessas palavras que os judeus, no fim do capítulo, pegaram pedras para apedrejá-lo.

Há também uma promessa enterrada no versículo dezesseis que muda a história. Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. Os outros são os gentios. Em uma frase, Jesus anuncia o que Pedro só entenderia anos depois, na casa de Cornélio: o pastor não tem apenas um rebanho judeu. Há um só rebanho. E um só Pastor.

“E haverá um rebanho e um Pastor.”

João 10:16

*A ovelha não escolhe o pastor pelo título.
Reconhece pela voz.*

